

A INFLUÊNCIA DO CONHECIMENTO FRENTE À PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO: UM PARALELO ENTRE INGRESSANTES E CONCLUINTES DO CURSO DE FARMÁCIA

Laura Mendes Monteiro¹
Bruna Chaves Amorim²
lauramds Monteiro@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

PALAVRAS-CHAVE: automedicação; uso de medicamentos; estudantes de Farmácia; educação superior.

INTRODUÇÃO

O medicamento é um instrumento utilizado mundialmente, sendo reconhecido por sua significativa importância para as ações de saúde e ocupando, muitas vezes, papel central na terapêutica (ARAÚJO, 2016). Contudo, seu uso não é isento de riscos, e seu consumo deve ser realizado de maneira adequada através do acompanhamento de um profissional qualificado. Entretanto, a busca pelo bem-estar, por meio de medicamentos, nem sempre está pautada em orientação de profissionais da saúde, o que acaba gerando uma prática indesejável e perigosa, a automedicação (CORREIA *et al.*, 2013). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a automedicação é conceituada como a prática de administrar substâncias de ação farmacológica sem o aconselhamento ou acompanhamento de um profissional de saúde capacitado (PAULO e ZANINI, 1988; OMS, 2005). Geralmente, essa prática ocorre quando o indivíduo apresenta algum sintoma patológico e apesar de não possuir aptidão necessária para reconhecer a perturbação fisiológica, examinar sua gravidade e determinar o tratamento mais adequado escolhe a medicação a ser utilizada (SIMÕES E FARACHE, 1988). No Brasil, segundo as estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) no ano de 2017, aproximadamente 25% dos casos registrados de intoxicação humana apresentou como agente tóxico os medicamentos, dos quais a quarta principal causa de intoxicação medicamentosa teve como circunstância a automedicação. Sendo considerada, portanto, um problema de saúde pública no Brasil, e essa situação só tende a agravar com o envelhecimento da população e a dificuldade de acesso à saúde (SOTERIO *et al.*, 2016). Dentre os distúrbios provocados pelo uso irracional de medicamentos podemos citar a interação medicamentosa, o uso de dosagem excessiva ou insuficiente, a manifestação de reações alérgicas, dependência, resistência, complicações hepáticas ou hematológicas e o comprometimento do tratamento adequado, por encobrir os verdadeiros sintomas, prolongando assim o período de tratamento com a medicação adequada (APPIO, 2012). No entanto, é importante salientar que a automedicação, quando realizada de forma apropriada pode trazer benefícios para o sistema público de saúde (TOMASINI *et al.*, 2015). Segundo a OMS, essa prática previne, em muitas

¹Acadêmica do Curso de Farmácia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX - Matipó. Bolsista da FAPEMIG.

²Farmacêutica Generalista, Mestre em Ciências Naturais e da Saúde, Especialista em Docência do Ensino Superior, Professora e Coordenadora do Curso de Bacharelado em Farmácia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX - Matipó.

ocasiões, o colapso desse sistema, pelo atendimento de incômodos transitórios ou de menor gravidade (CASTRO, *et al.*, 2006). Dores de cabeça ocasionadas por situações de estresse e cólicas menstruais estão entre as condições que podem ser aliviadas temporariamente com medicação de menor potência (NAVES *et al.*, 2010). No entanto, precisa ser conduzida com foco na necessidade e segurança do paciente; tornando-se uma prática responsável e racional de seleção e consumo dos medicamentos (CAMARGO, 2013). Paralelo a necessidade da promoção ao uso racional de medicamentos estão os farmacêuticos, profissionais de saúde que apresentam maior qualificação quando o assunto é medicamento (SOTERIO *et al.*, 2016). Sua formação inclui disciplinas que abordam de maneira aprofundada não apenas a composição, mas a ação terapêutica e deletéria dessas substâncias (DHAMER *et al.*, 2012). Portanto, o conhecimento adquirido durante a graduação poderia prevenir a automedicação destes profissionais, visto ser de seu conhecimento os riscos sustentados pela utilização desse instrumento terapêutico (TOMASINI *et al.*, 2015). No entanto, pressupõe-se que a falsa impressão de controle e o aumento da autoconfiança nestes alunos poderiam favorecer o uso constante desta prática neste público. Tal estudo justifica-se pelo fato de a automedicação ser uma prática intensamente difundida em todo o Brasil se tornando um problema de saúde pública. Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo é avaliar a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de Farmácia através de um comparativo do consumo de medicamentos entre diferentes níveis de ensino. Pretende-se contribuir significativamente para a compreensão de uma temática ainda pouco discutida no curso de graduação, apresentando um comparativo dessa prática conforme aquisição de conhecimento entre tais universitários, além de abordar um importante problema de saúde pública. Acredita-se que a análise e caracterização do consumo de medicamentos na população em estudo possam fornecer suporte para o planejamento de ações estratégicas visando conscientizar os alunos sobre os riscos desse importante problema de saúde pública.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, de cunho observacional, quantitativo, direcionado aos graduandos do curso de Farmácia de uma instituição de ensino superior do município de Matipó, Minas Gerais. Será analisada a prática da automedicação com auxílio de um questionário estruturado fechado, autoaplicável direcionado a dois grupos: alunos considerados iniciantes, ou seja, matriculados no 1º e 2º períodos; e alunos veteranos, matriculados no 10º período. Será utilizado como instrumento o questionário validado do artigo "Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de Sete Lagoas/MG" (LOPES E MATA, 2017), publicada pela Revista Brasileira de Ciências da vida e adaptado para a realidade do estudo. O fator de inclusão para o estudo será baseado se o discente está matriculado no curso de Farmácia, nos períodos mencionados, independente de sexo e idade. Todos os discentes participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), certificando-os do sigilo do conteúdo, dos objetivos e relevância do estudo segundo o protocolo de pesquisa com seres humanos, estabelecidos pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196/96, revogada pela Resolução 466/12. Os dados serão colhidos em agosto de 2019 e posteriormente deverão ser analisados através de uma estatística descritiva para a caracterização da amostra com auxílio dos programas Microsoft Word e Excel 2010 e organizados em forma de gráficos ou tabelas verificando-se o percentual das

variáveis. Essa pesquisa foi aprovada pelo Programa de Incentivo Básico à Iniciação Científica (PIBIC) da Faculdade Vértice- Univértix em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trata-se de uma pesquisa em andamento e os resultados parciais registram até o momento a realização do levantamento bibliográfico.

REFERÊNCIAS

APPIO, J. A. **Dinâmica social da automedicação**. São Leopoldo, 2012. 104p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos –Unisinos.

ARAÚJO, L. K. P. **A prática da automedicação entre adolescentes: prevalência e fatores relacionados**. Recife, 2016. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente — Universidade Federal de Pernambuco, UFPE.

CAMARGO, A. S. de. **Um novo olhar sobre o tema medicação no ensino de química: uma proposta de educação para a saúde**. Brasília, 2013. 155p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências)—Universidade de Brasília, Brasília.

CASTRO, H. C. *et. al.*; Automedicação: entendemos o risco? **Revista Infarma**. v.18, n. 9/10, p. 17-20, 2006.

CORRÊA, A. D.; CAMINHA, J. R.; SOUZA, C. A. M. de; ALVES, L. A. Uma abordagem sobre o uso de medicamentos nos livros didáticos de biologia como estratégia de promoção de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 3071-3081, 2013.

DHAMER, T; MOLIN, A. P. D; HELFER, A. P; CORNEIRO, M; POSSUELO, L. G; KAUFFMANN, C; VALENTIM, A. R. M. A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 2 n. 4, p.138-140, 2012.

LOPES, A. D. M.; MATA, L. C. C. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de Sete Lagoas/MG. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**. v. 5, n. 1, jul. 2017. ISSN 2525-359X.

NAVES, J. O. S.; CASTRO, L. L. C. de.; CARVALHO, C. M. S. de.; HAMANN, E. M. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n.1, p.1751-1762, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Dpt. Of Essential Drugs and other Medicines. **The role of Pharmacist in self care-medication**. 2005. Disponível em: <http://apps.who.int/medicinedocs/en/d/Jwhozip32e/>. Acesso em: 01 nov. 2018.

PAULO, L. G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **Revista Associação Médica do Brasil**, v. 34, n. 2, p. 69-75, 1988.

SIMÕES, M.S. J; FARACHE F. A. Consumo de medicamentos em região do estado de São Paulo (Brasil). **Revista Saúde Pública**. v.32, p.43-9, 1988.

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Estatística anual de casos de intoxicação humana por agente tóxico e circunstância**: Brasil, 2017. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica.

SOTEIRO, K. A.; SANTOS, M. A. dos. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2 p.1983-1374, 2016.

TOMASINI, A. A.; FERRAES, A. M. B.; SANTOS, J. S. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. **Revista Biosáude**, v. 17, p. 1-12, 2015.